

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE NO CONTEXTO PÓS-HUMANO: REFLEXÕES A RESPEITO DOS AFETOS NA OBRA “EQUILIBRIUM”

Priscila dos Santos Afonso (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/FA, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Adriana Barin Azevedo (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/FA, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: ra108789@uem.br

Palavras-chave: Pós-humanismo. Medicalização. Psicologia. Equilibrium. Afetos.

INTRODUÇÃO

A subjetividade humana é diretamente impactada pela variedade de tecnologias presentes no modo de vida contemporâneo. Essas tecnologias possibilitam uma gama de modificações físicas, comportamentais e psicológicas, desencadeando uma demanda por novas formas de existir no mundo. Como resultado, a definição de ser humano se encontra em constante variação, existindo atualmente a emergência do que alguns autores definem como “pós-humano”. Esse conceito, portanto, pode ser introduzido inicialmente ao levar em consideração as modificações corporais. Segundo Santos (2005), o pós-humanismo é fundamentado por uma crença na obsolescência do corpo humano, a qual revela “[...] uma necessidade aparentemente crescente de modificar o organismo mediante a incorporação de próteses para lidar com a velocidade da transformação;” (Santos, 2005, p. 164). Nesse sentido, a ideia de pós-humano considera as intervenções biotecnológicas ou biogenéticas como uma forma de evolução da espécie humana, afastando o sujeito de suas condições naturais biológicas.

Logo, surgem práticas na área da saúde focadas na otimização e aperfeiçoamento das capacidades individuais por meio das técnicas científicas. Em síntese, o corpo humano passa a ser visto como insuficiente e passível de melhorias. De acordo com Bezerra Jr. (2011), em resposta às demandas sociais, a medicina começou a ocupar-se também com solicitações relacionadas à estética e ao aprimoramento físico, envolvendo, inclusive, aspectos subjetivos do indivíduo, como a timidez e a tristeza. A medicina, nesse cenário, “tem se configurado como um poderoso complexo de saberes e poderes que investem os corpos e as populações” (Sibilia,

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

2004, p.42), passando a atuar não apenas no campo da saúde e doença, mas a atender demandas que vão além, inscritas no campo da cosmética e da alta performance.

Há em construção uma ideia de humano que ultrapasse limites, na intenção de aproximar a condição do homem à de uma máquina, caminho este que se torna viabilizado pelas novas biotecnologias das sociedades pós-industriais, digitais e informatizadas. Rüdiger (2007) afirma que [...] o pós-humano significa contudo muito mais do que dispor de próteses acopladas ao corpo: significa nos ver como máquinas processadoras de informação, significa nossa subjugação ao pensamento tecnológico da atualidade, o pensamento cibernético. (p. 10). Essa perspectiva busca tornar o corpo mais produtivo, capaz de efetivar alta performance, ignorando aspectos intrínsecos à natureza humana, tal como os afetos, a fim de obter soluções imediatas e "eficazes" para os problemas.

Considerando o exposto, o filme "Equilibrium" (2002) serviu para ilustrar a condição aqui denominada de pós-humanismo, alinhando-se o objetivo geral da pesquisa de investigação do manejo e regulação dos afetos no sujeito pós-humano. Para isso, esta pesquisa procurou estabelecer uma conexão entre o cenário retratado no filme e os conceitos de pós-humanismo e ciborgue, trazendo à tona o questionamento da necessidade de acoplagens tecnocientíficas para manter um estatuto de organicidade cibernética, ou se o uso de fármacos, como demonstrado em Equilibrium, já poderia constatar a figura ciborgue. Junto a isso, valeu-se da filosofia de Espinosa, especificamente o conceito de afetos, que são definidos como "as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída" (Espinosa, 2009, n.p), bem como a constatação do conhecimento racional envolver o aprendizado dos afetos vividos no corpo.

MÉTODO

A presente pesquisa desenvolveu-se a partir de um estudo bibliográfico e conceitual que procurou investigar a emergente subjetividade pós-humana e o conceito de ciborgue. Para tanto, foi realizada uma análise a partir da obra cinematográfica anteriormente citada, utilizando como base a filosofia de Espinosa e Deleuze. O levantamento de dados foi feito por meio da busca de artigos e teses nos seguintes bancos de dados acadêmicos: Scielo, Pepsic, Google Acadêmico e Banco de Teses. Foram utilizados os seguintes descritores: pós-humano ou pós-humanismo; psicologia; medicalização; ciborgue; Equilibrium; afetos.

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

RESULTADOS/DISCUSSÃO

Um dos aspectos mais significativos e transformadores que contempla a contemporaneidade é, sem dúvida, o advento da tecnologia, e com ela suas inúmeras possibilidades e desdobramentos. Pode-se dizer que a revolução tecnológica exerce forças inimagináveis em nossas vidas, a um ponto onde muitos não conseguem mais imaginar uma conjuntura onde não haja a presença de uma rede online, configurando uma simbiose entre o homem e a máquina (Santaella, 2007) e constituindo um movimento onde ao mesmo tempo que o homem afeta, também é afetado pela tecnologia, trazendo à tona o óbvio: estes dois nunca estiveram separados. Em conjunto a isso, as ciências biológicas também vêm ganhando centralidade nesse cenário, dado que agora elas se ocupam do que diz respeito à mente, aos afetos e à cultura, uma vez que buscam intervir no homem com objetivo de torná-lo aprimorado. Como aponta Benilton Bezerra (2006),

Os estudos do cérebro e a nova biologia da mente deixaram de lado os limites do neurológico e do neuroquímico para se transformarem explicitamente em ciências da vida social e da cultura: emoções, crenças religiosas, aprendizagem, compaixão, violência social, decisões econômicas, amor, julgamentos morais e políticos, preferências estéticas e sexuais, motivações inconscientes.

As biotecnologias, nesse sentido, ultrapassam a ideia de um ser humano fixo e imutável, pois agora tanto a natureza quanto a vida humana são passíveis de intervenção e melhoramento. Expectativa de vida aumentada, até mesmo ilimitada, e engenharia genética são exemplos dessas tecnologias as quais transportam dos filmes de ficção científica para a vida real situações que até então nunca pensaríamos ser possíveis, mas que fomentam esforços diários por parte de uma gama de especialistas na sociedade atual.

Essa conjuntura, por sua vez, parece redefinir a noção de humano que nos acompanhava até então, uma vez que, como indaga Santaella (apud Kellner, 2007, p. 129) “o que é autenticamente humano quando se tornam indefinidas as fronteiras entre humanidade e tecnologia?”. A partir disso, um panorama que questiona a autenticidade do estatuto de humano diante da máquina pode ser traçado, considerando que atualmente um não existe sem o outro. As possibilidades que decorrem dessa interação demarcam o que pode ser chamado de pós-humano, um homem que não é nem inteiramente humano, nem máquina, ou então, pode-se

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

dizer, é uma composição híbrida do antigo humano com o que se chama de máquina atualmente, em decorrência de suas acoplagens tecnológicas que perpassam sua vida e das quais não há mais perspectivas de renúncia.

Nesse contexto, Donna Haraway explora a figura do ciborgue, a qual podemos aproximar à concepção de pós-humano aqui abordada. A autora nos apresenta o ciborgue como uma espécie de fusão entre humano e máquina, que não apresentam distinção entre si, pois “o ciborgue não é algo que está num futuro distante. Nós já somos ciborgues; nós já fazemos grandes esforços para melhorar o rendimento do nosso corpo, a eficácia da nossa inteligência, para aumentarmos a concentração” (Porto, 2017, p. 50). O ciborgue representa uma ruptura radical do pensamento tradicional a respeito da separação entre corpo humano, máquina e natureza.

Observamos nesta pesquisa, portanto, como as biotecnologias exercem implicações profundas na subjetividade humana. A interseção entre as tecnologias e a subjetividade (pós)-humana levanta questões sobre a autonomia e a própria noção de humanidade, de forma que o humano se torna cada vez mais interconectado com aparatos tecnológicos e confronta-se com a possibilidade de novas formas de existência que desafiam as fronteiras entre o orgânico e o inorgânico, o natural e o artificial. Assim, “a ideia do ciborgue, a realidade do ciborgue, tal como a da possibilidade da clonagem, é aterrorizante, não porque coloca em dúvida a origem divina do humano, mas porque coloca em xeque a originalidade do humano” (Tadeu, 2009, p. 14).

Além disso, ao considerar este sujeito pós-humano como permeado pelas biotecnologias e exigências da sociedade contemporânea, o filme *Equilibrium* possibilitou discussões acerca da subjetividade humana atravessada pela regulação dos afetos, uma das características que se fazem presente no projeto de humano moderno. Na obra é exposto um sujeito monitorado e medicalizado para não sentir, em uma sociedade que enxerga os afetos como uma doença no coração do homem, os quais são responsáveis pela guerra e destruição. No entanto, como podemos pensar em um humano que não sente?

Espinosa (2009), por sua vez, aponta não ser possível a existência de um estado de “não afeto”, ou seja, não há a possibilidade de um sujeito não sentir algo, mas sim um momento em que eles estariam no mínimo da sua capacidade de sentir, no mínimo de sua potência singular, o que o filósofo caracteriza como tristeza. Portanto, considerando o cenário do filme, os indivíduos seriam capazes de sentir a própria condição de estarem medicalizados,

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

adormecidos. Ainda, Espinosa (2009) expõe que os afetos foram por muitas vezes ridicularizados e vistos a partir de uma ótica de algo que se encontra fora da natureza, algo não natural ao homem, justamente em decorrência deste considerar “que ele tem uma potência absoluta sobre suas próprias ações, e que não é determinado por nada mais além de si próprio” (n.p). Afastando-se dessa concepção, o autor propõe estudar e compreender os afetos, de maneira que não haja uma separação entre a mente e corpo, pois esses são modos que existem simultaneamente expressando um modo de ser humano e, também, pós-humano.

Referências

BEZERRA JUNIOR, B. C. ; **A psiquiatria e a gestão tecnológica do bem-estar**. In: João Freire Filho. (Org.). Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade. 1aed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, v. , p. 117-134.

EQUILIBRIUM. Direção: Kurt Wimmer. Produção de Jan de Bont e Lucas Foster. EUA: Dimension Films; Blue Tulip Productions, 2002.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, 2. Ed.

PORTO, Renan Nery. Ciborgues sonham com britadeiras? Um passeio pelo aceleracionismo. **Lugar comum**, v. 50, p. 50-67, 2017.

RÜDIGER, Francisco. Breve história do pós-humanismo: elementos de genealogia e criticismo. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. **E-Compós**, 8, 2007.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Demasiadamente pós-humano. Entrevista. **Novos estudos**, n. 72, p. 161-175, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. Pós-humano: por quê?. **Revista USP**, n. 74, p. 126-137, 2007.

SIBILIA, Paula. Tirantias do “software humano”: redefinições de saúde e doença. **Logos**, v. 11, n. 1, p. 41-60, 2004.

TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. In: Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, 2. Ed.